



CALVÁRIO

A riqueza dos Simples

NESTA tarde morna de Verão a relva murcha, as flores entristecem, os doentes sufocam.

Embora extenuado, o *ti* Artur anda pelos canteiros na tarefa da rega. As plantas não sabem como agradecer-lhe.

O Carlos, sentado na escadaria da Capela, observa. Parece distrair-se com o labor dos outros. Num repente levanta-se e, a gaguejar, exclama ao passar por mim:

— *Vou também «regar» os doentes! Eles estão com sede!*

E encaminha-se para o pavilhão, onde vai dessedentar os doentes acamados. Estes, nos leitos, não reclamam por água, mas alguém repara que eles estão sedentos dela.

Enquanto as flores são regadas pelo *ti* Artur, os doentes são refrescados pelo Carlos, atento e amigo dos outros.

Logo pela manhã, também o João gosta de dar frescura ao rosto dos doentes. Os olhos dele, meio escondidos na face rugosa, meigos, simples e cheios de bondade, parecem não ver. Mas em tudo reparam. Quem olha para ele, corcovado, movimentando-se com lentidão, sente pena deste rapaz. Mas a pena transforma-se em admiração quando o vemos, ao romper do dia, com a toalha no braço e bacia de água na mão, de cama em cama, a lavar o rosto dos acamados. Ninguém no mundo faz este trabalho com tamanha devoção! É um ritual perfeito, repetido todas as manhãs.

Os atributos naturais, que estes doentes manifestam possuir nos trabalhos simples que executam, são uma verdadeira riqueza — a riqueza dos Simples.

Os homens de hoje gostam de amear fortuna, obter bens, ostentar aparato para mostrarem que são importantes e ricos. O seu padrão de riqueza é de ordem puramente natural e, por conseguinte, está fora da pessoa.

Simples e pobres, estes doentes possuem a riqueza dentro deles, no seu interior. São verdadeiros poços a transbordar bondade, amor, doação aos outros.

Não são poços vazios e secos, onde a água escasseia e não refresca nem mata a sede a quem está sequioso. Muito menos são poços de água turva ou lodosa. Pelo contrário, a água que neles se encontra é límpida e pura, a espelhar verdade.

Continua na página 3

MALANJE

Quantas dores nestes caminhos sem rumo!

15/09/98

PÉS GRETADOS e sujos da longa caminhada..., o bebé sugava o leite magro desta mamã que andou quilómetros para fugir.

Ideia-força a de milhares de refugiados que chegam às cidades. Olhares vazios mas em chama — que alimenta a esperança.

Estão sendo encaminhados, pelo Estado e Organizações, para locais onde podem orga-

nizar, embora pobremente, as suas vidas. Mas quantas dores nestes caminhos sem rumo!

Dias compridos e fomes sofridas!
Tantas famílias só com uma fraca refeição por dia!

19/09/98

— *SR. PADRE roubaram a nossa mandioca! Não reagi... Pela manhã, eu tinha*

visto nas ruas da cidade dois grandes grupos de refugiados.

Olhei com mágoa os seus passos indecisos, com quem chega a um porto que não deseja.

À tarde, a notícia de mais uma mina traçoira que, a três quilómetros da nossa Aldeia, esperou anos pela sua vítima — um jovem — a quem decepcionou dois membros.

Que nação a fabricou e vendeu?! Talvez a mesma que pagou o espectáculo da desminagem: Muitos carros, muitas bandeirinhas e reuniões sem conta... As minas têm paciência de esperar — é o seu timbre.

As nações poderosas continuam a meter carvão nas fornalhas de suas fábricas! Não há «Direitos Humanos» que as acordem!

21/09/98

O «MINGUITO», de olhar meigo e paciência de santo, já anda com a ajuda de duas muletas!

Foi uma alegria grande quando, ao chegar ao Carmelo, ele me sai dum portal com um «já estou aqui!» e um abraço e meus beijos!

Ele tem uma doença grave e está tomando o xarope do tal cardo.

A Natureza tira dum lado e põe noutra; pois, é difícil encontrar tanta ternura num olhar de menino!

Se os senhores da guerra contemplassem este olhar em silêncio, talvez metessem em seus corações os olhos tristes de milhares de crianças!!!

Padre Telmo



Olhares de paz num mundo em guerra

A FINAL, não só para nós mas para muitas actividades sociais, o início do ano escolar marca um novo período que se deseja sempre animado por um sopro renovador. Mal fora se não aspirássemos instantaneamente a remediar erros detectados em ordem a mais perfeição! E esta época é especialmente propícia a esta aspiração.

É..., deveria ser..., se as férias fossem entendidas como um tempo de reconstituição de forças e vividas em etapas de lazer e de ocupação em actividades diversas das habituais — tal como no Inverno as nascentes de água se reforçam para que a tenhamos abundante e prestável na altura em que os frutos em formação a reclamam. A Natureza é grande Mestra. As suas «férias» são feitas de renovação incessante de que somos testemunhas na roda do ano. Ela não tem tempo de se cansar de cada estádio porque, em breve, este dá lugar a outro, alguns de características diame-

Ano novo

tralmente opostas. E nós, espectadores d'Ela (quem dera que também discípulos!) nos deleitamos, cada um segundo a sua sensibilidade, com o encanto outonal dos matizes da folhagem prestes a cair ou com o da Primavera na rebentação da vida nova. «Deus fez... e viu que era bom!» Quem dera que cada homem principiase o seu louvor a Ele pela contemplação e no benefício desta Bondade!

Em nossa Casa é tempo de muito labor!

Em nossa Casa é tempo de muito labor! São as colheitas e a estruturação da vida para o novo ano lectivo com as mudanças constantes que o crescimento dos rapazes nos impõe. A

tradição ajuda, mas a novidade nunca nos dispensa do esforço de descobrir.

Hoje está sol, depois de uma semana perturbada pela chuva. Estamos em plena vindima e eu ansioso por trocar a caneta pela tesoura. Agora que alguns estão já obrigados pela escola, tem de haver uma mobilização geral nas oficinas e nos trabalhos domésticos para acudir à colheita do vinho — que a meteorologia não nos garante a permanência deste sol.

A faina do milho está cumprida. Este ano foi mais rápida pois o vazio da nossa vacaria levou-nos a vender parte dele no campo com o corte e ensilagem por conta do comprador. As duas vaquinhas do nosso recomeço estão prestes a ser mães. Nunca esperamos com tanta ansiedade «partos» des-

tes! Até porque, habituados a uma deliciosa refeição matinal, estranhámos o leite em pó, que oxalá nunca nos falte nem aos que não têm acesso a outro.

As Escolas estão a funcionar. Hoje, à tarde e à noite, começarão os estudos para a realização dos deveres para casa e consolidação do que se vai aprendendo em cada dia. Deus esteja com os nossos «monitores».

Na Escola Primária, novas caras. Não entendemos como em área onde a continuidade da relação professor-aluno é tão importante (e universalmente reconhecida como tal!) os professores sejam nomeadas por um sistema de roleta, que violenta a vontade deles e nossa de uma permanência que seria tão conveniente para os rapazes!

A Telescola começou sem material escolar e por uma dança para o achar. Que longe da Telescola que foi! Consta-nos que tende para o fim... Contudo que belo seria se ela caísse de pé... como as árvores.

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

SOCIEDADE DE CONSUMO — Para além dos que sofrem carências tradicionais, ou pontuais, — e não são poucos! — infelizmente, há, cada vez mais, uma classe de *pedintes* que nos obriga a um cuidadoso diagnóstico, pois são vítimas da sociedade de consumo.

Em todos estes casos, procuramos não deixar passar em claro o mau caminho das vítimas, dando-lhes um estímulo moral para a mudança.

Concretamente, são fraquezas, as mais diversas, por falta de cabeça — como diz o povo:

Um casal recebeu indemnização duma seguradora e despatchou o *bolo* rapidamente...!

Outro: Lutámos pela sua promoção social, conseguindo para o casal postos de trabalho na região. Agora, receberam indevidamente um subsídio oficial que terão de devolver a prazo. Por fraqueza, gastaram o que não deviam, embebidos em aliciantes — no veneno da sociedade de consumo.

Mais outro: Perderam a cabeça num veículo usado, etc., e caíram na pedincha.

Rol de problemas difíceis, aos quais procuramos prestar atenção no dia-a-dia!

PARTILHA — Vamos começar pelas presenças mais ou menos habituais.

Assinante 4456, da Covilhã: «Começo por pedir — antes de dar o que não é grande coisa — uma oração, de algum dos vossos Pobres, para que Deus não permita que eu piore. Já me custa um bocadinho, assim, como estou. Hoje, só escrevo para mandar uma ajuda à vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Apliquem como melhor entenderem.

Tenho pena dos Pobres que são doentes, pois tendo doenças graves não podem tratar-se devidamente. Falo dos que têm alguma ajuda. E os outros...?! Deus me dê um coração compadecido — que não tenho. Não sou rica, mas da minha mediania Deus permita que saia sempre um pouco mais.»

Na palavra de Pai Américo, aí temos uma «lâmpada acesa»!

Vinte mil, da assinante 5025, de Coimbra, acentuando: «Atrasei-me a enviar as nossas ajudas, por já andarmos, há tempo, com falta de saúde para termos a vida em dia.»

Lili, de Carvalhosa, passou, parou e deixou três mil, para os nossos Pobres com um abraço amigo — que retribuimos.

O habitual contributo do assinante 9790, de Perosinho (V. N. Gaia), lembrando «todos os irmãos agonizantes. Que se sintam confiantes e bem preparados para o Encontro definitivo...» Voto cristão!

Remanescente de contas, da assinante 62677, de Santiago de Riba Ul, Oliveira de Azeitéis, «pequenita gota de água para o oceano dos vossos Pobres». Que bem!

Outros mil, da Capital, sem dizer de quem nem donde. Deduzimos serem de Lisboa, pelo carimbo do correio.

Assinante 65318, de Santo Tirso de Prazins (Guimarães), cheque de 35.000\$00, «oferta destinada à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus para ajuda nos remédios. É pouco, mas com grande amor». Óbolo oportuno!

Dez mil, da assinante 11856, do Porto, com várias intenções.

A útil remessa de M. M. Ferreira, de Faro, sempre com muita delicadeza.

Assinante 14493, da Capital do Norte, com votos de «boa saúde para todos (que retribuimos), manda a contribuição destinada à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus referente ao mês de Setembro, em curso. Bendito seja Deus que me deixou completar a promessa feita». Voto cumprido!

Assinante 28708, de Coimbra, com cinco mil, «para ajuda ao tuberculoso referido n'O GAIATO».

Três vezes mais, da assinante 66002, do Porto, «para as muitas necessidades dos nossos irmãos. Bem hajam pelo vosso trabalho, fiel ao Amor de Deus por todos nós».

Mais cinco mil, da assinante 66345, de Coimbra.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Começou a vindima. Já se colheram algumas uvas, não muitas, porque, este ano, é menor a quantidade na Região dos Vinhos Verdes.

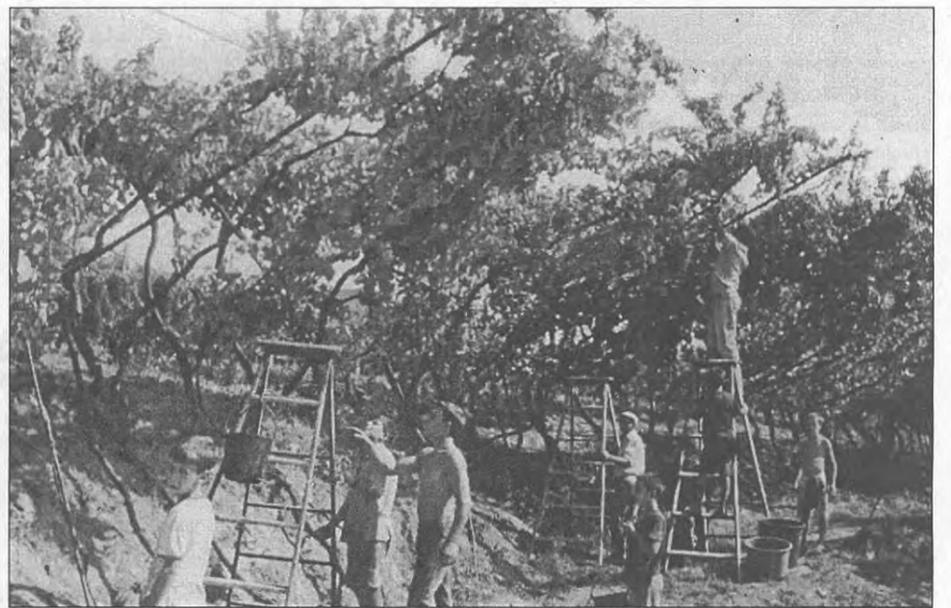
Temos tido, porém, bons resultados na graduação das uvas cuja maior parte vai para a Quinta da Aveleda. Só mais tarde faremos o nosso vinho.

ANO ESCOLAR — Começaram as aulas. Os que estudam, no Porto, já se apresentam nas escolas.

Começou, também, o curso nocturno em Penafiel com quatro rapazes e três adultos que fazem parte da nossa Casa do Gaiato. E aqui em Casa funciona já o Ensino Recorrente (5.º e 6.º anos) com quatro rapazes nossos e adultos de fora.

MUDANÇAS — As mudanças de trabalho estão a ser executadas. Nesta altura, como é hábito, cada um terá a sua tarefa que executará ao longo do ano, na vacaria, na tipografia, na casa-mãe, ou nos serviços domésticos, etc.

CATEQUESE — Começa na primeira quarta-feira do mês de Outubro. O nosso Padre Júlio está ocupado com a listagem dos rapazes para os respectivos grupos. E eles estão curiosos por



Vindima em Paço de Sousa. «A mãe-terra infunde vida e alegria na própria vida dos nossos rapazes.»

saber qual será o seu ou a sua catequista.

SILO — O milho foi cortado e parte dele vendido.

Ensilámos menos porque temos menos vacas. Só duas. As outras foram abatidas por doença.

Rui Silva

MOÇAMBIQUE

A CASA CRESCE — Desde a primeira semana de Setembro contamos com mais dois pequeninos na família. São os gémeos: André e Alberto, de 3 anos de idade. Há um ano atrás estavam sob a responsabilidade das Irmãs de Madre Teresa de Calcutá.

AVALIAÇÃO ESCOLAR — Decorreram as avaliações referentes ao terceiro período, na nossa escola, durante a primeira semana de Setembro, para todos os níveis (da 1.ª à 10.ª classe). O

nosso Padre José Maria encorajou-nos a encará-las com seriedade, visto que se aproxima o fim do ano e, alguns de nós (5.ª, 7.ª e 10.ª), teremos exames. Exortou-nos a pensar no futuro, pois Moçambique precisa de homens bem formados.

SERRALHEIROS — Jorge e Marcos, ambos de 17 anos, são gaiatos inseridos no curso de serralharia da Escola de Artes e Ofícios de Moamba, dos Padres Salesianos.

Eles aproveitaram uma semana de férias (7 a 12 Setembro) para nos visitar, integrando-se nos serviços da Casa, de modo a adquirirem maior experiência no ramo.

«PAPRICA» — Durante o mês de Agosto interrompemos algumas actividades (oficina e escola), por vários dias, para plantarmos a «Paprica». Embora inexperientes e enfrentando dificuldades de ordem técnica, conseguimos, com entusiasmo pelo trabalho, plantar 50% dos 25 ha previstos. É uma nova cultura no meio e destina-se ao sustento da Casa.

CHANGALANE — Encontram-se a trabalhar no Centro Polivalente Agrícola de Changalane, desde o início do ano, dois gaiatos dos mais velhos, o Agostinho e o Samuel, de 19 e 21 anos, respectivamente. Pelas notícias recebidas, estão a encarar o trabalho com seriedade.

FUTURA CAPELA — Recomeçaram as obras da nossa futura Capela. Embora haja um desnível de terreno, o que dificulta o trabalho, os alicerces estão quase acabados e, assim, pedra a pedra, ali, será a futura Capela.

Cronista X

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Temos feito as nossas visitas às famílias mais carenciadas.

Há tempos, escrevemos a respeito da senhora J. J., idosa, viúva, que vive com um filho também doente. Tinha ido fazer uns exames clínicos e ficou internada no hospital. Ao fim de mês e meio regressou a casa, felizmente muito melhor; tem menos dores e já não perde sangue.

Recentemente, fomos visitá-la. Estava sentada na rua, a ver as crianças brincar, muito bem disposta. Ficámos muito felizes com a sua boa disposição, embora saibamos que não tem cura porque sofre de doença muito má. Mas, por agora, sem dores.

RECEBEMOS — De Chaves, a assinante 23063 com 25.000\$00.

Do nosso amigo de Cantanhede, assinante 17991, 25.000\$00. Muito obrigado.

M. M., 10.000\$00. Da amiga Lúcia, 15.000\$00. Agradecemos a roupa enviada por F. Costa.

J. R. D. nunca se esquece de nós: 2.000\$00.

Mais 2.000\$00, da Esplanada do Castelo — Porto.

Carta de Malanje

BAPTIZADOS — Foram no dia do Pai Américo e de Nossa Senhora do Carmo — 16 de Julho.

Quinze candidatos, já crescidos, receberam o sacramento do Baptismo.

Eles sentiam-se em festa por saberem que entravam na grande família de Deus como membros da Igreja. Prepararam-se durante dois anos no catecumenato.

Nos dias anteriores houve muita emoção porque era festa, festa exterior e dentro dos corações. E grandes preparativos, pela grande limpeza em toda a Aldeia, com mais relevo na Capela, lugar onde iam ser filhos de Deus. A cera, no chão, veio a dar-lhe o último requinte, com um «cheirinho desinfetante».

O refeitório foi também arranjado com flores e bolas; não faltaram as toalhas flocadas.

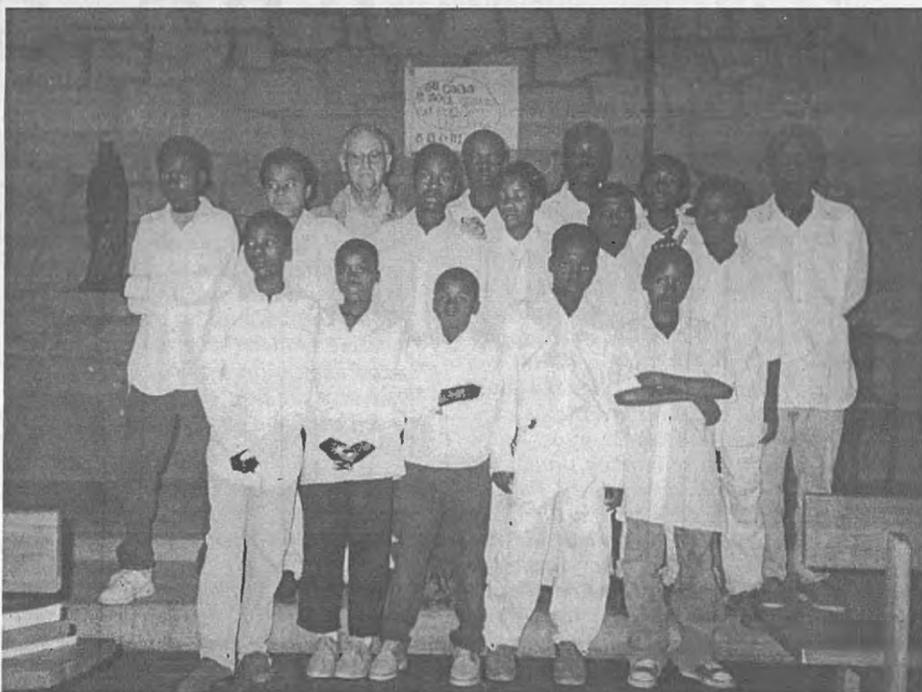
Houve também docinhos para a sobremesa; guloseimas confeccionadas pelos próprios rapazes.

Tudo era alegria e harmonia. Era, de verdade, uma família unida e reunida.

A Eucaristia foi «cantada e dançada», no rito africano, que as Irmãs bem prepararam com a comunidade. As aldeias vizinhas também participaram com especial devoção.

Finalmente, o nosso Padre Telmo baptizou os quinze rapazes e deu-lhes os parabéns, exortando-os a que espiritualmente todos os dias fossem assim.

Maria Luísa Nogueira



Malanje — o grupo dos baptizados.

SETÚBAL

Não somos educadores abstractos

TENHO sido asse- diado, há anos a esta parte, por pedidos de todo o lado suplicando o acolhimento nesta Casa de rapazes com catorze, quinze e dezasseis anos.

A solicitação não é deles, que neste período da idade, os verdadeiramente interessados não manifestam qualquer incómodo pela própria situação. Antes gostam dela, dado o ambiente propício para fazerem o que lhes dá na gana, sem qualquer impedimento sério, seja de quem for. É o andar para a frente, para o abismo, sem qualquer motivo de vida a não ser a satisfação dos instintos imediatos a qualquer preço.

A angústia parte, sim, de algum familiar mais sensato, de um vizinho, e chega por carta, por telefone ou fax, discretamente, ou através das chamadas «comissões de protecção a menores» — as quais, na maioria dos casos, de protectores só têm o nome — de vicentinos, cristãos indiferenciados e assistentes sociais.

A larga experiência de dezenas de anos, nas Casas do Gaiato, diz-me que um rapaz desta idade não tem capacidade para se adaptar à nossa vida.

É uma vida de família. Não de um internato como continuamos a ser considerados pela esmagadora maioria das autoridades constituídas e aceites na legislação.

A Casa do Gaiato é uma família. Com a característica de ser grande e os filhos

M.^a Isabel envia esta cartinha: «Mando uma pequenina ajuda (5.000\$00) para aplicarem onde for mais necessário. Para pouco dará; mas, com a ajuda de Deus, que tudo corra bem para enfrentarem as dificuldades, que são muitas». Mais outra: «Envio a minha pequenina migalha para os Pobres, sendo 1.000\$00 da nossa amiga, de 84 anos, que está num Lar, em Bragã».

«Para os quatro meses em atraso, com as melhores bênçãos do Céu, 20.000\$00 de uma «nossa irmã em Cristo».

Muito obrigado a todos e Deus vos pague tudo.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Setembro,
67.750 exemplares.

não serem da nossa carne, somente do nosso coração.

Jogamos, como todos os pais sensatos, com a liberdade e a responsabilidade de cada rapaz.

As crianças e os adolescentes são educados no trabalho da escola e das obrigações impostas à vida da comunidade. Não somos educadores abstractos, como em tantas instituições. A educação é feita na vida, na simplicidade e na intuição do dia-a-dia.

Um rapaz, neste período difícil da idade, com grande escola de rua, nem aproveita o nosso ambiente nem deixa que outros usufruam dele.

Agora, sou seguro. Não me deixo levar pela petição angustiada: — Não quer experimentar? Pode ser que com este não seja assim. Não. Foram tantas as experiências! Nunca nenhuma resultou. Antes pelo contrário sempre eles fugiram, levando consigo um, dois

ou três. Em vez de resolvermos o problema dum rapaz, criámos dois, três ou quatro problemas para além da instabilidade que normalmente uma fuga sempre acarreta na Casa.

Até aos treze anos e, em casos bem estudados no local onde o rapaz vive, ainda posso ir. Para além não. A experiência é ditadora.

Compete naturalmente aos serviços de quem é responsável por tanta degradação responder a estas aflições. Será que ninguém sabe desta calamidade? Já lhe averiguaram as causas?

Amergurados pela sorte de tantos adolescentes sem pais, sem escola, sem amparo de qualquer espécie, não podemos calar a sua desdita e a nossa dor.

— A quem nos devemos dirigir? — perguntam as pessoas após o nosso amargo não.

— Não sei, respondo. E tu sabes?

Padre Acílio

PASSO A PASSO

POBRES

AINDA trago os olhos a arder. É do fumo que enchia a casa, quase só uma cozinha grande com lareira. Nela, o chão em cimento, e, por tecto, o próprio telhado. Embora escapando pelas frestas deste, o fumo escoava e ondulava para cima e para baixo, ao sabor das correntes de ar.

São dez filhos com sua mãe que lá habitam. Sete, no Ensino Básico; dois, em casa; e um a trabalhar. Os trabalhos são muitos...

A morte aparece muitas vezes a esta mãe, como saída para as dificuldades da vida; mas os filhos chamam-na sempre à vida; basta olhá-los...

Todos eles frequentam a catequese. E, quando nela se celebram suas festas, participam com alegria: «O senhor Padre deu a uma das minhas filhas uns cachos de uvas, avisando que os distribuisse pelos irmãos; e ela assim fez!»

Tinha ido levar-lhes algo para suas necessidades. «Todos os dias mudam de roupa. No Inverno chego a ter cinco cestos cheios dela suja, porque é difícil secá-la.»

No regresso, o Nuno, que me acompanhava, foi fazendo sua composição oral de tudo o que viu: — Porque é que os filhos daquela senhora não vêm para a Casa do Gaiato?! Não lhe dei resposta. Há coisas difíceis de explicar e de compreender. Enquanto houver um naco de família, vale a pena insistir nela e apoiar. Por vezes, há pai e mãe e não há família. Outras vezes, há só mãe e há bafo familiar.

No mesmo dia, outro Pobre vem em busca de ajuda. Soubera que ele já recebia Rendimento Mínimo Garantido. Confrontado com esta notícia diz que não... Conheço-o e sei que anda muito, sempre buscando ajudas aqui e acolá. Agora o Estado dá-lhe, e à sua mulher e filhos, uma mensalidade. Apesar disto, parece que o espírito de pedinte se vai manter...

Olhando estes dois casos, vejo como o trabalho marca a diferença. O que trabalha, tem uma visão séria e positiva da vida, embora as injustiças a diluam.

Por outro lado, olhando a mentalidade que se quer implantar nos nossos dias, no caso particular dos mais jovens, de se lhes negar todo o tipo de tarefas, não será difícil prever a sociedade de misérias que se está preparando. Claro que é preciso que todos possam criar bases de saber

DOCTRINA

Da boca
e das acções
da Criança
sai o louvor perfeito



vou reproduzir aqui para que chores: Um farrapão da rua discutia com uma velhinha de pedir, à porta de uma confeitaria: — *Ande, tome!* — dizia o pequenino vendedor ambulante, com um tabuleiro ao peito e, dentro, escovas e pentes. — *Não, meu menino, come tu!* Era um bocadinho de um pastel que alguém dera ao pequeno ou ele comprara. A velhinha, muito instada pelo miúdo, aceitou e comeu! Eu vi com os meus olhos afeitos a casos assim e chorei de comoção. É da boca e das acções da Criança que sai o louvor perfeito!

AO abrir uma carta sem nome, dei com uma nota pequena e a legenda «para laranjas». Como dentro das caixas pequeninas é que se guardam coisas preciosas, da mesma sorte se escondem mundos de amor dentro de poucas letras.

ONosso doente está quase sozinho. A mãe anda fora, a lidar. E como o rapaz não tem figos — não tem amigos! Melhor assim para o visitante do Pobre que tem mais tempo de lhe dizer coisas e ele, o Pobre, mais silêncio para as escutar. A tal ponto Deus ama os homens que, por vezes, lança veneno naquilo de que eles gostam para que aborçam o que apeteçam e busquem o Seu Amor. Deus é admirável nas Suas obras! Não me deixes ficar mal no caminho e ajuda-me para que este e outros doentes que tenho à minha conta peçam laranjas e, com elas, saibam pedir o mais que até ali desconheciam.

ONTEM, nas ruas do Porto onde me vou gastar dentro em breve, tirei o retrato a um grupo, sem Kodak, o qual

O Zé Carlos, de Montemor, aquele simpático alentejano de quem já aqui falei, somente agora começa a compreender que tem de trabalhar; antes não queria. E sabes quem o ensinou? Os grilos. Ele tem a obrigação de ceifar erva para os coelhos; mas chegava ao campo, poisava a foicinha e ia aos grilos. Ao ouvir tocar para a merenda, retirava do campo com grilos na boina e o cesto vazio. — *Olha, tu comes menos porque não trabalhas, dizia-lhe a regente. Era um acto de justiça confirmado ali mesmo pelos companheiros: — É bem feito! Quem não trabalha não come. O Zé Carlos corrigiu-se. Ainda apanha grilos, mas só depois de apanhar a erva.*

D. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

racional, mas a vida não é só isto. Transformar o mundo com as mãos em proveito de cada um e de todos, também é necessário. Desde pequenino.

Cada um à sua medida. Sem violência.

As culturas sempre se valeram dos animais para figurar seus sonhos e valores. Também eu me valho: é a formiga a transportar continuamente os seus bens; a abelha a fabricar o mel; a vaca a dar-nos o leite... Porque é que os mais pequenos, tal como os maiores, não hão-de dar a sua contribuição proporcionada, para o bem familiar e social?

Padre Júlio

A riqueza dos Simples

Continuação da página 1

A riqueza autêntica e duradoura é a dos valores perenes que brotam do coração do Homem.

Mas os homens contemporâneos envergonham-se de possuir tal riqueza e mais ainda de o afirmar.

Ser bom, amigo, desinteressado, cumpridor do dever é estar desactualizado. Estes predicados fundamentais não constam no dicionário de comportamento do homem moderno. São conceitos do passado para muitos.

É frequente apregoar-se orgulhosamente o mal praticado, as artimanhas cometidas, a engenharia operada

na obtenção do lucro, os troféus de esperteza conseguidos, como sinal de importância, de afirmação pessoal.

Ora, «se não vos tornardes como crianças não entrareis no Reino dos Céus» — disse Jesus.

Os Simples apontam-nos, na verdade, o caminho do Reino, quando praticam o bem, derramam o amor, e difundem a paz e a alegria.

Segui-los, é caminhar com segurança para o Reino.

A riqueza dos Simples está no seu interior. Brota espontânea para confusão nossa, mas também para nosso estímulo.

Padre Baptista

Cartas

O GAIATO é luz que me ilumina

Desculpem vir atrasada, mas tenho doenças graves na família que me têm preocupado bastante.

Nas vossas orações sei que rezais por todos, inclusivé pelos meus doentes.

Que Deus vos dê coragem de prosseguirem com Obra tão grandiosa iniciada pelo nosso Pai Américo.

Leio O GAIATO assim que chega e é a grande luz que me ilumina e abre os olhos neste mundo que ainda pareço desconhecer, apesar dos meus 76 anos.

Assinante 32811

Obra de amor

Sou assinante d'O GAIATO e admiro imenso a vossa Obra de amor e dedicação ao Próximo. Ela é imensa e dispensa e acode, sem regatear esforços, a todos os que mais necessitam de amparo.

Assinante 13385

BENGUELA

Vamos continuar a esperar...

HOJE, de manhã, encontrei-me com a parábola do rico avarento e do pobre Lázaro. Deu-me que pensar! Muitas cenas passam, agora, diante dos meus olhos, com quadros semelhantes. Há pessoas a viver pertinho de nós, e, todavia, muito distantes porque não as amamos. O problema não está em ter muitos bens ou poucos; está, sim, em não partilhar tanto quanto podemos. Sabemos que há muita riqueza na terra. Sabemos, também, que há muita pobreza e muita miséria. A solidariedade por Justiça e por Caridade é a alma nova duma Terra que se quer nova.

Queremos uma Angola nova. Há, ainda, muita violência, mesmo muita. As armas não param de matar e querem matar sempre mais. Violentos não são, apenas, os que matam com o fogo. São, também, os que pensam em si mesmos, nos seus lucros, e não ajudam os pobres Lázaros que são multidão. A indiferença ou a lamentação estéril também abrem feridas, em vez de curar.

Fala-se muito em culturas. É a cultura da vida. É a cultura do saber. É a cultura da paz. Tudo isto é bonito e de grande valor. Mais a cultura do ambiente e da beleza. E a cultura da fraternidade? Contém o que há de mais nobre no homem: a justiça e a caridade. O homem vale pelo coração que tem. O homem justo e que ama muito os Outros marca a comunidade em que vive.

São linhas que desejamos seguir no caminho da educação destes filhos. É tempo semelhante ao duma nova criação. Estamos

a viver numa terra em que as crianças ocupam um espaço muito importante. São crianças em toda a parte. Aonde chegamos, o sinal de vida mais forte é o das crianças. É um momento privilegiado para a formação dum povo novo, sem deixar de ser complicado por causa do ambiente anormal que se respira.

Uma das notas mais simpáticas para quem chega é o acolhimento de quem espera. Interessante. Estamos a falar das crianças. Ficamos com a sensação de que estavam à nossa espera. A alegria espelha-se no rosto. Temos lugar marcado no meio delas. São assim os Pobres e os pequenos que estão vazios de coisas e querem as pessoas. Querem ajuda. Querem ser alguém.

Diante das cenas que acabo de descrever, fico com mais uma inquietação: Que as crianças não pensem na guerra; cresçam na alegria; não recebam as marcas da violência; tenham quem as ajude para que venham a ser pessoas normais. Quanto equilíbrio precisamos de ter!

Por isso, há necessidade de quem se dedique ao tempo inteiro a esta franja importantíssima da sociedade angolana. As famílias regularmente constituídas são o suporte normal dos seus filhos. Mas, os filhos que não têm família regularmente constituída, que são maioria, penso, incluindo os filhos da rua? Está aí, também, a Sociedade e a Igreja do futuro próximo.

A escola funciona normalmente. Todos os nossos rapazes estão na escola. E a seguir? O mundo do trabalho está asfiziado. Vem o tempo, e já está próximo, de os lançar na

vida normal, em ordem ao futuro. Onde o emprego? O problema da maior parte do País cai sobre nós com um peso acrescido. Se, ao menos, depois da escolaridade normal básica, houvesse acesso relativamente fácil a outros graus de ensino...? Mas não há. Temos que inventar caminhos, de modo que não vão parar onde a maioria dos

jovens está — na candonga. E que seria desses jovens e da pouca estabilidade social que existe, se não fosse esse caminho? É, na verdade, uma hora muito complicada e perigosa a que Angola está a viver.

Vamos continuar a esperar — trabalhando.

Padre Manuel António



As barracas vão desaparecer!

Património dos Pobres

Limpeza de barracas

LEMOS a notícia com muita satisfação e esperança. Procuramos satisfazer-nos com o bem dos Outros e confiarmos nas promessas e compromissos dos responsáveis pelo bem-comum, embora muitas vezes faltem à palavra.

O autarca mais responsável pelo problema da habitação desta grande cidade deu a notícia que nos animou:

«Espero poder demolir mais barracas até ao final do ano. Em 1999 está projectada a construção de mais mil novos fogos, para que possamos, então, fazer a demolição de igual número de barracas.

Está previsto que o PER, do Concelho, tendo arrancado em 1990, permita erradicar as cerca de vinte mil barracas existentes, há uma década.

Para realojar as famílias, estão a ser erguidos mil fogos no alto duma zona da Cidade. E a Câmara contratou, já, a construção de mais mil e cem habitações.»

Esperamos que a construção destes fogos, para habitação de famílias pobres, sejam decentes e não aldrabadas. Há muita razão nas queixas que muitos novos

moradores fazem das casas que foram habitar: «Infiltrações nas paredes; caixas de esgotos dentro de casa; utilização de material de baixa qualidade; paredes nas quais se abriram rachas; e o elevado preço das rendas».

Parece-nos estar a ouvir a voz dorida daquele novo habitante: «Estou muito descontente com todo este processo! Estou na casa nova, há cerca de quinze dias, e os esgotos já irromperam do chão, deixando um cheiro fedorento em todo o lado. Onde habitava, apesar de ser uma casa abarracada, tinha melhores condições do que nesta que agora habito».

Conhecemos a existência deste bairro que anda agora a ser demolido, há várias dezenas de anos. A primeira lição foi dada por aquela pobre mãe que apareceu com seus três filhos, dois meninos e uma menina. Veio fugida do bairro e do marido, pedir o nosso socorro. Recebemos os

meninos, em nossa Casa. A mãe e a menina ficaram numa comunidade, da cidade. A mãe vinha acabrunhada. Lutou pela vida; foi com a filha para o país vizinho; fez-se assinante do nosso Jornal cuja leitura a tem ajudado; dá boas notícias — e sentem-se mais felizes. Ambos os filhos estudaram, um deles é licenciado, e vão dando boa conta de si.

Há poucos anos, recebemos outra lição. Veio para a nossa Casa um miúdo cuja mãe estava gravemente doente (com doença cancerosa) no hospital onde faleceu; e um irmão, ainda jovem e atacado pela sida, que também faleceu nos mesmos dias. Este pequeno trouxe, e continua com marcas muito negativas da vida naquele bairro.

Tempos recebidos, dali, mais rapazes bem marcados pelo ambiente ali vivido. Por isso, a nossa alegria e esperança de que os seus habitantes tenham casas e vidas mais humanas e dignas.

Padre Horácio

O LIVRO «PADRE AMÉRICO - MÍSTICO DO NOSSO TEMPO»

«Firmeza na Fé e constância no Bem»

EIS a prece, a breve súplica do assinante que vai à cabeça da procissão, qual rumo certo para atenuar as nossas limitações!

Assinante 48491 — Rio Tinto:

«Muitos agradecimentos por toda a luz e por todas as graças que me vêm de Deus através d'O GAIATO e dos livros da vossa Editorial. Que o Senhor vos conceda firmeza na Fé e constância no Bem.»

Pontinha — assinante 55575:

«O volume editado é uma verdadeira revelação, um grande auxílio para quem tem de viver no meio do turbilhão da vida! Uma obra de consulta permanente!» Testemunho vivo de santos pecadores!

Assinante 22956 — Porto:

«Já o li e meditei. É um livro que nos faz pensar, que nos alimenta a alma com o que se lê, de verdade: o que fez o Pai Américo, o que disse o Pai Américo, o que viveu o Pai Américo» — a caminho do Céu!

Amadora — assinante 22616:

«Abro o livro 'Pai Américo - místico do nosso tempo' como abro o Evangelho (medidas as distâncias) — e fico sempre de alma mais lavada...» Eis o seu valor!

Assinante 66484 — Paço de Arcos:

«Cheguei de férias e tinha na caixa do correio o aviso para levantar a obra editada... Fui hoje ao correio e, claro, já o tinham devolvido! Fiquei cheia de pena e peço que mo enviem novamente.» Seguiu logo!

Ançada (Mangualde) — assinante 31795:

«Um 'bem hajam' bem sentido e bem beirão, pela remessa do volume editado. Estou limitada, mas vou tentando aceitar e pegar com força e coragem na cruz que Deus quer. Uma professora sem poder escrever e bordar... Leio, rezo e tento ajudar os Outros que precisam de mim. Tenho todas as obras editadas pela vossa Editorial. São uma bênção! Vai um cheque para as despesas; 'pagar a lição'... não é possível. Deus vos ajude na vossa missão.» Pai Américo deixou escrito: «É meu propósito conservar sempre a lâmpada acesa à beira de leitos de doentes».

Assinante 17749 — Oeiras:

«Que alegria trouxe a leitura do novo livro à minha alma! Pois receava que a mistura de palavras que não são do Padre Américo às suas próprias, viesse empobrecer a obra. Reconheço que me enganei — e ainda bem que assim foi! Oh vivência!»

Júlio Mendes

PENSAMENTO

As ideias são lâminas cortantes e de força quase indomável.

PAI AMÉRICO